

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

Municipal divulga temporada 2026

Com **seis óperas, quatro balés e concertos** que celebram de **Mozart a Carlos Gomes**, o **Theatro Municipal** apresenta sua temporada 2026 — a **mais densa dos últimos anos**. A programação tem **início no dia 13** com a **“Grande Missa em Dó Menor”, de Mozart**. Páginas 2 e 3



A Grande Missa em Dó Menor - K427, de Mozart, abre a programação do Municipal no dia 13

O Coro e Orquestra do Theatro Municipal estão no centro da programação



A aposta de uma TEMPORADA GRANDIOSA

AFFONSO NUNES

Uma ópera que não subia ao palco há oito décadas, um centenário de Puccini, os 270 anos de Mozart e um balé com sessões esgotadas em 2025 que volta com ainda mais expectativa. A temporada 2026 do Theatro Municipal chega com seis óperas, quatro balés e três concertos, de março a dezembro, com os corpos artísticos da casa — Orquestra Sinfônica, Coro e Ballet — no centro de tudo. Em cinco anos consecutivos de gestão artística consolidada, o Municipal reafirma sua posição como o principal espaço lírico do país e avança na construção de um público cada vez mais plural e diverso.

“Desenhar uma quinta Temporada Artística Oficial consecutiva no maior palco lírico do Brasil é uma honra e alegria imensas”, afirma Eric Herrero, diretor artístico da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro. “Teremos programas de alta qualidade protagonizados pelos Corpos Artísticos da casa — Coro, Ballet e Orquestra — com grandes artistas convidados. O Theatro Municipal do Rio de Janeiro segue produzindo, revelando artistas, formando profissionais em diversas áreas do nosso setor, valorizando sua vocação, que são o Ballet, a Ópera e a Música de Concerto.” Para Clara Paulino, presidente da Fundação, abrir o Theatro para mais uma temporada tem sabor de conquista coletiva: “O Ballet, o Coro, a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro trazem sempre o que há de melhor para nosso público.”



Giacomo Puccini, autor da centenária ópera 'Turandot'

Concerto Didático: projeto terá continuidade em 2026

MARÇO

A temporada tem abertura oficial marcada para o dia 13, às 19h, com a execução da “Grande Missa em Dó Menor — K427”, de Mozart, interpretada pelo Coro e pela Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal (OSTM), sob regência do maestro titular

Felipe Prazeres. Antes do concerto, um mimo: o público será recepcionado por uma apresentação dos Pequenos Mozart nas escadarias do Theatro. 2026 marca os 270 anos de nascimento do compositor austríaco, e a obra, de imponente escala coral e profundidade espiritual, é um dos

pontos mais altos de seu catálogo — mesmo inacabada. “A ‘Grande Missa em Dó Menor’ inspira profundidade e espiritualidade e representa um dos momentos mais marcantes do maior prodígio de todos os tempos”, celebra Prazeres. Ainda em março, a OSTM

apresenta, nos dias 21 e 22, sempre às 16h, o “Concerto Didático” — um dos projetos mais acessíveis e populares da programação da casa, voltado ao encontro entre o grande público e o universo orquestral. Com texto de Eric Herrero, direção cênica de Daniel Salgado e regência de Ander-

son Alves, o concerto percorre repertório que vai de Villa-Lobos e Oscar Lorenzo Fernández a Vivaldi, Bach, Mozart, Beethoven, Rossini e Tchaikovsky, contando ainda com a participação da bailarina Liana Vasconcelos e do palhaço Marshmallow, interpretado por Ludoviko Vianna.



Daniel Ebendinger/Divulgação

'Carmina Burana', de Carl Orff, volta a ser montada este ano

ABRIL

Em abril, entre os dias 8 e 12, “Carmina Burana” retorna ao palco. A obra de Carl Orff, apresentada em 2025 com sessões esgotadas, volta ao Municipal em formato de ópera-balé, com concepção e direção cênica de Bruno Fernandes e Mateus Dutra, e direção musical e regência de Victor Hugo Toro. A leitura cênica contemporânea da peça, composta em 1935–1936 com base em poemas medievais, é um dos espetáculos mais aguardados do primeiro semestre.

MAIO

Maio traz “La Fille Mal Gardée”, um dos balés mais antigos ainda em repertório ativo. A versão original foi apresentada em 1789, no Grand Théâtre de Bordeaux, e ganhou nova dimensão em 2024, quando a coreografia do uruguaio Ricardo Alfonso — criada para o Ballet Nacional Sodre, de Montevideu — foi recebida com entusiasmo pelo público carioca. A produção retorna agora ao Municipal, novamente com coreografia e concepção de Alfonso e regência de Jésus Figueiredo, com o Ballet e a Orquestra Sinfônica da casa. As apresentações ocorrem nos dias 14 a 24 de maio, em récitas às 19h e às 17h nos finais de semana.

JUNHO

Junho é o mês da música brasileira. O projeto “Música Brasileira em Foco” homenageia três compositores fundamentais da história do concerto nacional: Francisco Mignone, cujo falecimento completa 40 anos, com a obra “Festa nas Igrejas”; Radamés Gnattali, que teria completado 120 anos, com a “Brasilianna nº 1”; e César Guerra-Peixe, representado pelo “Concertino para Violino e Orquestra”. O concerto único acontece no dia 17, às 19h, com a OSTM e o violinista Ricardo Amado em destaque, sob regência de Felipe Prazeres.



Daniel Ebendinger/Divulgação

Márcia Jaqueline como Kitri em 'Don Quixote'



Daniel Ebendinger/Divulgação

A personagem Clarinha de 'O Lago dos Cisnes' é interpretada por Pietra Rêgo, finalista do Prix de Lausanne 2026

JULHO

O mês de julho reserva um dos momentos mais emblemáticos da temporada: a comemoração dos 117 anos do Theatro Municipal, em 14 de julho, com a estreia de “Salvator Rosa”, ópera de Antônio Carlos Gomes. A obra retorna ao palco da casa após oito décadas de ausência — um evento que, por si só, justificaria o interesse do público melômano. A montagem homenageia os 190 anos de nascimento e os 130 anos de morte do compositor campineiro, com concepção e

direção cênica de Julianna Santos, coreografia de Hélio Bejani, direção de movimento de Márcia Jaqueline e direção musical e regência de Luiz Fernando Malheiro. As récitas se estendem até 18 de julho.

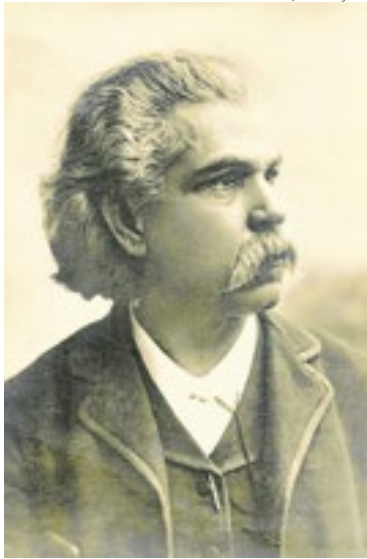
AGOSTO

Em agosto, é a vez de “Don Quixote”. O balé de Ludwig Minkus, com libreto e coreografia originais de Marius Petipa e remontagem de Jorge Teixeira, é um dos títulos mais exuberantes do repertório clássico — estreado no Teatro Bolshoi



Acervo CEDOC/FTMRJ

Francisco Mignone no Café do Theatro Municipal em 1978



Reprodução

Carlos Gomes (1836-1896), compositor e maestro

de Moscou em 1869, conquistou plateias do mundo inteiro com sua melodia brilhante e vigoroso sabor espanhol. Com regência de Tobias Volkmann e direção geral de Hélio Bejani, a temporada contará com dez récitas, entre 20 e 30 de agosto, incluindo uma sessão especial do Projeto Escola Arte Educação no dia 25, às 14h.

SETEMBRO

Setembro pertence ao “Festival Oficina da Ópera”, que chega à sua quarta edição consecutiva com três títulos e dois mentores — Pablo Maritano e Desirée Bastos. Voltado à formação de jovens criadores e à experimentação cênica, o festival ocupa tanto o palco principal quanto o Salão Assyrio. No palco grande, “Cavalleria Rusticana”, de Pietro Mascagni, com direção cênica de Daniel Salgado e regência de Natalia Salinas (dias 11, 12 e 13). No Assyrio, “Cenas da Coroação de Poppea”, de Cláudio Monteverdi, com direção de Ana Vanessa e regência de Jésus Figueiredo (dias 16 e 17); e “Il Campanello”, de Gaetano Donizetti, com direção de Pedro Rothe e regência de Felipe Prazeres (dias 18, 19 e 20). O repertório atravessa séculos — do barroco ao verismo ita-

liano —, e a proposta se consolida como uma das mais relevantes plataformas de visibilidade para a nova geração da ópera brasileira.

OUTUBRO

Outubro reserva um dos espetáculos mais esperados: “Romeo e Julieta”, com coreografia do bailarino e coreógrafo carioca Reginaldo Oliveira, que há mais de 20 anos vive na Europa e dirige o balé do Salzburger Landestheater, na Áustria. Em 2025, sua criação “Frida” — homenagem à pintora mexicana Frida Kahlo — estreou com todas as sessões esgotadas no Municipal. Reconhecido por trabalhos de forte carga emocional e narrativas construídas em torno de figuras históricas e mitológicas, Oliveira já apresentou versões de “Romeo e Julieta” no circuito internacional, incluindo produções em Salzburgo. A remontagem será apresentada pelo Ballet e pela Orquestra Sinfônica do Municipal, com regência de Tobias Volkmann e direção geral de Hélio Bejani, nos dias 7 a 11 de outubro.

NOVEMBRO

Em novembro, “Turandot”, de Giacomo Puccini, chega ao Rio em homenagem ao centenário da ópera — estreada em 1926 no Teatro alla Scala de Milão, já após a morte do compositor, com final completado por Franco Alfano. A montagem com direção cênica de André Heller-Lopes, originalmente apresentada em 2018 no Theatro Municipal de São Paulo, reencena o drama ambientado em uma Pequim lendária, onde amor e morte caminham lado a lado. O espetáculo conta com os artistas da casa carioca e com solistas convidados, entre eles a soprano Eiko Senda. São sete récitas, de 13 a 22 de novembro, incluindo sessão do Projeto Escola Arte Educação no dia 17, às 14h.

DEZEMBRO

O ano se encerra com “O Quebra-Nozes”, de Tchaikovsky — tradição consolidada do Municipal, apresentado com o Ballet, o Coro Feminino e a Orquestra Sinfônica da casa, sob regência de Felipe Prazeres. A cada récita da temporada 2026, haverá ainda uma palestra gratuita sobre a obra encenada, com intérprete de Libras, antes do início do espetáculo. Ao longo do ano, o Theatro amplia seu alcance educativo com masterclasses gratuitas, visitas guiadas, visitas temáticas e oficinas de desenho, levando a experiência cultural para além de seus palcos.

SERVIÇO

TEMPORADA 2025 - THEATRO MUNICIPAL

Março a dezembro de 2026
Abertura oficial: 13/2, às 19h — “Grande Missa em Dó Menor”, de Mozart
Praça Floriano, s/nº — Cinelândia
Programação completa: theatromunicipal.rj.gov.br e plataformas digitais

CORREIO CULTURAL



'Minha Mãe é Uma Peça' terá sessão em Paris

Festival homenageia Paulo Gustavo

A memória e o legado de Paulo Gustavo estarão em destaque na 28ª edição do Festival de Cinema Brasileiro de Paris. O humorista, que morreu em 2021, será lembrado com uma homenagem especial no dia 14 de abril, na capital francesa. A programação prevê a exibição de um vídeo tributo e uma sessão de “Minha Mãe é uma Peça”, que marcou a trajetória do artista e trans-

formou a personagem Dona Hermínia em um fenômeno popular dentro e fora do Brasil. A sessão acontece no tradicional Cinéma L’Arlequin. Segundo a diretora do festival, Katia Adler, a escolha do filme reforça a importância de Paulo Gustavo para a comédia brasileira. A organização do evento vai destacar a frase que se tornou símbolo do artista: “Rir é um ato de resistência”.

Ainda falta apoio

Além do tributo ao comediante, a programação incluirá outras comédias nacionais, ampliando o espaço para o humor dentro da mostra. A curadoria afirma que a intenção é valorizar obras que dialoguem com o público francês e com a comunidade brasileira residente na Europa. Katia ressalta que, embora o festival reúna anualmente mais de cinco mil espectadores, o evento ainda enfrenta desafios estruturais, entre os quais a dificuldade de financiamento e a ausência de políticas públicas de incentivo a festivais brasileiros realizados no exterior.

O fim da Cultura

A Livraria Cultura encerrou as suas atividades após a Justiça confirmar a falência da empresa. De acordo com o Tribunal de Justiça de SP, os representantes foram notificados da decisão neste mês. Sergio Herz, presidente da livraria, não se pronunciou sobre o desfecho do caso.

O fim da Cultura II

O site da livraria foi desativado e o telefone de contato encaminha as ligações para a caixa postal. Já os perfis nas redes sociais não são atualizados há pouco mais de cinco meses. A livraria chegou a ter mais de mil funcionários e 17 lojas em regiões como Rio, Curitiba e Brasília.

Alok é anunciado para o Rock in Rio

O Rock in Rio anunciou mais duas atrações do palco Mundo para 11 de setembro. O DJ Alok e a sul-coreana Hwasa somam aos nomes do line-up. Alok apresentará show inédito, com estrutura visual exclusiva e o uso de 1,500 drones, número que, segundo a organização, estabelece um recorde na América Latina. Hwasa mescla k-pop, R&B, soul, hip-hop e pop latino.



Alisson Demétrio/Divulgação



Bruce Dickinson durante show da turnê 'Run For Your Lives' em Budapeste

Uma telona para A FORÇA DO IRON MAIDEN

Banda lança documentário e segue em turnê antes de um anunciado ano sabático em 2027

AFFONSO NUNES

Especial para o Correio da Manhã

enda viva do heavy metal, o Iron Maiden faz de 2026 um de seus anos mais movimentados em cinco décadas de existência. A banda confirmou o lançamento de “Burning Ambition”, documentário oficial que celebra os 50 anos de uma das carreiras mais emblemáticas do rock mundial. O filme chega aos cinemas de todo o planeta no dia 7 de maio, com venda antecipada de ingressos a partir de 18 de março.

A sinopse do filme, disponível, no site da produção, entrega o tom do projeto. “Com acesso inédito aos arquivos oficiais e relatos íntimos da banda, tanto atuais quanto antigos, ‘Iron Maiden: Burning Ambition’ convida os fãs a vivenciar uma das jornadas mais icônicas da história da música. Abrangendo cinco décadas, este documentário eletrizante narra a ascensão da banda, dos pubs do East End de Londres aos maiores estádios do mundo.”

Formado em agosto de 1975 pelo baixista Steve Harris no bairro de Leyton, o Iron Maiden saiu de modestos pubs para se tornar uma das bandas mais influentes da história do heavy metal. Pioneiros da chamada Nova Onda do Heavy Metal Britânico, o grupo estreou em 1980 com o álbum homônimo, já entrando no Top 10 do Reino Unido. A virada definitiva veio em 1982, com a chegada do vocalista Bruce Dickinson e o lançamento de The Number



Cartaz do documentário 'Burning Ambition', que estreia em 7 de maio. Vendas antecipadas começam em 18 de março

of the Beast — disco que venderia quase 20 milhões de cópias e estabeleceria o som clássico da banda. Ao longo das décadas seguintes, o sexteto — completado pelos guitarristas Dave Murray, Adrian Smith e Janick Gers e pelo baterista Nicko McBrain — acumulou mais de 130 milhões de álbuns vendidos, turnês descomuns pelos cinco continentes e uma legião em todo o mundo.

O filme reúne entrevistas exclusivas com membros da banda e nomes de peso como o ator Javier Bardem, o baterista do Metallica Lars Ulrich e o rapper Chuck D, do Public Enemy. A produção também apresenta novas sequências animadas de Eddie, o lendário mascote da Donzela de Ferro.

Ainda em 2026, o Iron Maiden realizará o EddFest em Knebworth (Reino Unido), apontado como o maior show da carreira da banda em território britânico. No Brasil, os fãs poderão ver a turnê “Run For Your Lives” ao vivo nos dias 25 e 27 de outubro, ambos os shows no Allianz Parque, em São Paulo.

A “Run for Your Lives” é a turnê que marca as comemorações de meio século de estrada, e seu capítulo final já tem data e endereço certos. Na última quinta-feira (26/2), a banda anunciou que as apresentações finais da turnê acontecerão nos dias 24 e 25 de novembro, na K-Arena, em Yokohama, no Japão. Após as noites japonesas, o sexteto entrará em pausa das atividades ao vivo e não deve retornar aos palcos antes de 2028, tirando um merecido descanso das turnês ao longo de todo o ano de 2027.

O baixista e líder Steve Harris comentou o encerramento com entusiasmo. “Estamos muito animados por levar a turnê Run for Your Lives ao Japão no fim deste ano. E ainda mais porque vamos encerrar a turnê mundial de dois anos em Yokohama. Sempre adorei passar tempo no Japão e gostamos de voltar sempre que podemos para tocar para nossos fãs lá”, declarou o músico no site da banda.

Com documentário, festival próprio, passagem pelo Brasil e despedida no Japão, o Iron Maiden se prepara para fechar um ciclo histórico com a grandiosidade digna de uma mais impactantes bandas de rock de todos os tempos.



Midas Filmes

'Mal Viver' arrebatou láurea e ovação ao disputar o Urso de Ouro em 2023



Divulgação

'Fátima' (2016), com sua peregrinação de fé, está na plataforma Filmicca

João Canijo fica NA SAUDADE

À espera de saber onde vão estreiar dois longas inéditos do premiado cineasta, cuja obra está no streaming Filmicca, Portugal presta tributo póstumo a esse artesão autoral, em Lisboa



Filmagem

'Três Menos Um' passa' na Cinemateca Portuguesa



Jens Koch/Berlinale.de

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Passou-se um mês da morte do diretor português João Canijo (1957-2026) e só faz aumentar, em solo europeu, a expectativa por qual será o destino do díptico deixado por esse artesão autoral como herança a seu público: "Encenação" e "As Ucrânicas". Antes de sair de cena, em 29 de janeiro, aos 68 anos, em decorrência de um ataque cardíaco, ele teve tempo de encerrar as rodagens e engatar a pós-produção dessas experiências narrativas que se espelham e se convergem. O primeiro trata da relação de um encenador de teatro com as atrizes da peça que está a ensaiar. O segundo é o fruto metalinguístico desse tal processo, registrado como um espetáculo de teatro filmado.

Há quem fale da entrada de ambos no Festival de Cannes, que vai

de 12 a 23 de maio, pois Canijo teve dois títulos na competição Un Certain Regard da Croisette: "Ganhar a Vida" (2001) e "Noite Escura" (2004). Há também quem suspeite de que esse par de produções só estará pronto para Veneza, em agosto. Antes de ambas as vitrines... bem antes, aliás... no próximo dia 19, a Cinemateca Portuguesa, em Lisboa, promove uma homenagem ao realizador, ao exibir seu longa de estreia: "Três Menos Eu" (1987), com Rita Blanco, Anne Gauthier e Pedro Hestnes.

"Jamais me ponho a explicar os sentimentos das minhas personagens pois tento manter uma certa distância delas, num certo voyeurismo, que passou a me afastar da 'portugalidade' de que tanto se fala dos filmes portugueses. Gosto do termo inventário de solidões para definir o que eu filmo", explicou Canijo ao Correio da Manhã, em sua passagem pelo Festival do Rio, em 2023, logo após ter conquistado um Urso

“Gosto do termo inventário de solidões para definir o que eu filmo”

JOÃO CANIJO

de Prata na Berlinale, ao vencer a categoria Prêmio do Júri, do evento alemão, com "Mal Viver" (também um díptico, que se completa com o longa "Viver Mal"). "A ideia de que um filme seja "teatral" é uma visão pobre, pois tudo nesta vida se encena. Tudo é palco".

Seu "Três Menos Eu" segue a história do encontro de duas adolescentes, Rita e Anne, durante umas férias em que as duas primas se encontram em Portugal. Rita vive lá, mas Anne saiu de seu país quando emigrou com os pais para França. A cumplicidade e a rivalidade das jovens marcam a ação narrativa,

que se desenvolve ainda em torno de António, que completa o triângulo. Ao analisar essa narrativa, o site oficial da Cinemateca lusa se rende em loas ao cineasta por trás desse arranjo estético: "Autor de uma obra onde pontuam grandes figuras femininas, retratos crus de personagens trágicas, no sentido dos grandes clássicos, colocadas perante a irrespirabilidade, o 'sufoco do Portugal profundo', João Canijo tinha como imagem de marca um grande rigor formal e um método muito próprios de trabalhar com os atores".

No streaming Filmicca, é possível encontrar "Mal Viver" e "Viver

Mal". Esses longas gêmeos giram em torno da rotina de um hotel lusitano. Um elenco de atrizes em estado de graça, ao lado de um inspiradíssimo Nuno Lopes, feroz em cena, servem de combustível para o projeto – uma experiência das mais vigorosas.

Em "Mal Viver", a tal hospedaria que serve de arena para mil conflitos é apresentada sob a perspectiva das suas donas e funcionárias, com destaque para a atuação de Rita Blanco e Anabela Moreira. Já em "Viver Mal", Canijo olha aquele mundo sob a ótica de hóspedes, na triagem das depressões das mais variadas, incluindo um casal de namoradas que lida com uma sogra infeliz. É um dos trabalhos mais maduros do cinema português na cena dos festivais europeus, elogiado pela direção de fotografia de Leonor Teles.

"A interação com a Leonor correu bem pois ela se abria à discussão, no bom sentido, e nossas referências cinéfilas são as mesmas, embora ela tenha a idade do meu filho", disse Canijo ao Correio. "Sinto que esse díptico é, provavelmente, o mais pessoal, mas o menos português dos meus filmes. Não escrevi seus diálogos de véspera. Eles foram escritos durante ensaios. Tudo o que se passa nos ensaios é filmado e depois transcrito. Só depois é que faço a manipulação do material que foi produzido e parto para a escolha do que fica e do que sai. Não havia a certeza de que seriam dois filmes, ou um, pois não sabíamos se íamos ter dinheiro suficiente para o hotel ter clientes, para ter as personagens dos hóspedes. Desde que os clientes se tornaram algo de concreto, passou a ser um par de longas".

Na Filmicca, há mais um achado de Canijo: "Fátima" (2017). Seu roteiro se ambienta em maio de 2016, quando um grupo de onze mulheres parte de Vinhais, Trás-os-Montes, no extremo norte de Portugal, em peregrinação. Ao longo de nove dias e 400 quilômetros, atravessam meio país em esforço e sacrifício para cumprir as suas promessas. O cansaço e o sofrimento extremos as levam a momentos de ruptura. Revelam-se então suas identidades e motivações mais profundas. Chegadas ao destino sagrado, cada uma terá que reencontrar o seu próprio caminho para a redenção... palavra essencial ao cinema tocante de Canijo.

ENTREVISTA | SUZANA VARGAS
ESCRITORA, PRODUTORA CULTURAL E DIRETORA DA ESTAÇÃO DAS LETRAS

‘Há que se trazer os criadores menos para perto da novidade que do novo’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Após 30 anos de excelência no ensino e na produção de oficinas de escrita, o Instituto Estação das Letras (IEL) virou uma das mais importantes incubadoras da criação literária no Brasil. Por trás de cada curso, lecionado online, há um coração que bate reverente à transcendência da palavra: Suzana Vargas. Egressa da Letras da UFRJ, com mestrado em Teoria Literária, a escritora e produtora cultural, autora de títulos obrigatórios como “Leitura: Uma Aprendizagem de Prazer”, cuida desse bunker do saber sempre assegurando para seu time de professores expressões de autoridade e de inclusão no estudo da arte da palavra. É só olhar para a sua URL, <https://www.estacaodasletras.com.br/>, para checar o que está em oferta neste semestre letivo. Há uma cartografia da arte de ler. Neste papo, Suzana fala dos dilemas da educação.

O que o corpo docente desta temporada do IEL aponta sobre os rumos da literatura?

Suzana Vargas - Os cursos e os mestres que estarão conosco nesta temporada tentam, de algum modo, trabalhar para dar aos participantes não apenas uma orientação técnica (no caso das oficinas) mas informações e leituras das quais aspirantes a escritores/as possam tirar proveito na condução de seu trabalho escrito. Procuramos caracterizar nossa grade de ofertas como uma formação literária informal. Tentamos oferecer um leque diversificado de opções que coloquem nosso aluno em contato, inclusive, com suas próprias insuficiências de leitura, de informação. Nossa perspectiva para esse ano ancora-se na oferta equilibrada entre leitura e prática, com clássicos e contemporâneos: Shakespeare e IA podendo conviver perfeitamente, desde que saibamos como fazê-lo. Temos à frente dos nossos cursos mestres como Luiz Antônio de Assis Brasil, Nínia Parreiras, Luis Roberto Amábilé e André Stangl, todos eles com larga experiência nessa orientação que é realizada para - no máximo 10 a 15 alunos. O ensino literário hoje deve ter essa preocupação (como de resto todo ensino): há que se trazer os criadores menos para perto da novidade que do novo.

Como a programação reflete essa preocupação?

Apontando para a diversificação de vozes e protagonismos, bem como para as discussões sobre inteligência artificial. Gêneros literários e leitura integral de obras estão no nosso escopo, além das oficinas, que podem alavancar talentos e fazer surgir novos autores.

De que maneira, no seu

lugar de professora e coordenadora de cursos do Estação das Letras, você vê o hábito de leitura (de prosa e de poesia) hoje no Brasil?

O hábito da leitura no Brasil é sempre um mistério. Por um lado, o mercado editorial se queixa da falta de leitores. Por outro, nunca tivemos tantos movimentos, projetos, feiras e festas literárias no país. Nunca os escritores foram tão valorizados (profissionalmente inclusive) como hoje. Clubes de Leitura, concursos literários com 3 mil participantes podem significar que o hábito de ler está enraizado, mas obviamente não está. Escrever parece estar sendo mais fácil que ler. O hábito da leitura da literatura não avança apesar de inúmeros programas dedicados ao tema. Como professora, acho tudo maravilhoso, mas vejo pouca efetividade e ainda confio mais no papel da escola onde as crianças e jovens passam maior parte do seu tempo e numa nova forma de colocar a leitura e os livros lá dentro.

Existe a possibilidade de se falar em fenômenos (com os números de venda e além deles) na literatura que se faz hoje no Brasil? Se sim, o que esses fenômenos têm de brasilidade?

Com certeza, podemos falar em fenômenos de venda hoje no Brasil, o que não acontecia há 20 anos atrás ou acontecia em pequena escala. Isso se deve à quantidade de livros lançados atualmente, tanto que já não é mais possível acompanhar. Uma nova safra de best-sellers como Carla Madeira, Raphael Montes, Socorro Acioli fala de uma população com graus de informação e interesses diversos e de um Brasil leitor interessado em



Alexandre Brum/Ag. Enquadrar

“O hábito da leitura no Brasil é sempre um mistério. Por um lado, o mercado editorial se queixa da falta de leitores. Por outro, nunca tivemos tantos movimentos, projetos, feiras e festas literárias no país. Nunca os escritores foram tão valorizados como hoje”

crises subjetivas, violência urbana, racismo, tradições afro, também na memória, na oralidade, ancestralidade e nos nossos processos históricos, inclusive os recentes.

Como você avalia o lugar da crítica hoje na produção intelectual literária do país?

Estamos vivendo, um momento de muita atividade editorial, mas não somente no setor de livros. As mídias, as novas formas de comunicação produzem muito material e já não é possível acompanhar a produção total.

Ficamos apenas com alguns recortes, mas que já estão avançando além do Rio e de São Paulo. A literatura gaúcha viceja de forma quase independente. O Nordeste e o Norte começam a mostrar sua cara. A penetração das publicações facilitou bastante esse movimento. Em contrapartida, os jornais e as revistas mingauaram, muitos fecharam e não mantêm mais suas páginas dedicadas especialmente à crítica literária que - se existe - fica restrita às universidades. Já não ouvimos falar em críticos literários ou, mesmo, historiadores da literatura brasileira.

Os jornais e revistas tradicionais que sobrevivem limitam-se a - quando sobra espaço - divulgar alguns títulos lançados com sinopses rasas. Raramente vemos matéria crítica, a não ser na mídia independente. Citaria o “Jornal Rascunho” como um dos mais atuantes na área. Importante falar também nos concursos literários que se alastram pelo país. Por incrível que pareça, eles estão, em certa medida, dando forma àquilo que se poderia chamar de crítica literária hoje e, ao mesmo tempo, revelando talentos de Norte a Sul.

AFFONSO NUNES

Emenos de quarenta quilômetros de Petrópolis, escondido entre as dobras da serra, um cenário inesperado surge para quem percorre a BR-040 e entra pela Estrada do Julioca: uma praça com torre, uma capela de pedra, um túnel subterrâneo e uma adega cavada na encosta. O conjunto poderia estar em alguma cidade medieval do interior italiano — e é exatamente essa ilusão que o Borgo del Vino persegue com a sua Vila Toscana, o núcleo arquitetônico do empreendimento de enoturismo da Família Eloy, em Areal.

A ideia é transportar o visitante para uma atmosfera europeia sem precisar embarcar num avião. O coração deste condomínio vinícola temático, que inclui hotel, é a Vila Toscana, uma sequência de espaços construídos especialmente criados para contar uma história enquanto os vinhos da Família Eloy são degustados. Os espaços altamente instagramáveis conquistam o visitante.

A fórmula tem funcionado. Em plataformas de viagem como o TripAdvisor, o local acumula avaliações positivas, com comentários recorrentes sobre a paisagem, o atendimento e a qualidade da experiência de degustação, que inclui história e curiosidades sobre a produção local.

A vinícola foi fundada em 2019 por José Carlos de Freitas Eloy e seus filhos Bernardo e José Carlos, que tocam o negócio junto ao pai. A semente do projeto

A TOSCANA fluminense

Complexo enoturístico em Areal aposta em arquitetura temática e degustações guiadas de rótulos próprios



A Vila Toscana, no empreendimento Borgo del Vino, dá ao visitante a sensação de estar na famosa região vinícola italiana

foi uma viagem da família à Toscana, região italiana conhecida como um dos mais emblemáticos destinos vitivinícolas do mundo. De volta ao Brasil, o grupo

começou a planejar o que anos depois se tornaria o Borgo del Vino. O empreendimento deu os primeiros passos como uma pizzeria temática e foi crescendo

até se consolidar no complexo de enoturismo que existe hoje. Os rótulos da casa são assinados pelo enólogo Mario Lucas Ieggli, enquanto a experiência do visitante dentro da vila é conduzida pelo sommelier Diego Singulani.

O roteiro do tour guiado, com duração média de duas horas, passa pelos principais pontos da vila: a praça central (a piazza), a capela, a torre com vista panorâmica para os arredores e o túnel subterrâneo que leva à adega. O percurso termina com uma degustação harmonizada de três rótulos da vinícola — entre eles um Espumante Brut, um Cabernet Franc 2023 e um Syrah 2023 —, acompanhados de queijo brie, torradas e charcutaria. Para quem prefere apenas o passeio sem a degustação, há a opção avulsa.

E a experiência não precisa terminar com o tour. A Enoteca do Borgo del Vino funciona de quarta a domingo, das 18h às 23h, como espaço para quem quer permanecer mais tempo — comprando rótulos, degustando vinhos avulsos ou acompanhando com charcutaria. Ou uma esticada na pizzaria.

O espaço conquistou os casais apaixonados e frequentemente abriga cerimônias de casamento e outras celebrações. Em função desses eventos fechados, convém checar a disponibilidade do local antes de planejar uma visita.

SERVIÇO
BORGO DEL VINO – VINÍCOLA FAMÍLIA ELOY
BR-040, Km 38, Estrada do Julioca - Areal, Petrópolis
Informações e reservas: www.borgodelvino.com.br

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Novidades de Let's Poke

O Let's Poke acaba de abrir as portas no Leblon, na Rua Dias Ferreira, levando ao Rio o lifestyle havaiano que consagrou a rede. A marca, que tem como sócio o surfista Filipe Toledo, aposta em ingredientes frescos e receitas autorais desenvolvidas pelo chef Fernando Bohus. Entre os destaques, o Aloha, com salmão, manga e crispy de couve, e o Ilhabela by Gaspa, com atum spicy e arroz negro. O Oahu combina salmão, shimeji e chips de batata-doce, enquanto o North Shore by Filipe Toledo traz salmão maçaricado com shoyu trufado.



Um sorvete bem carioca

A Momo Gelato celebra os 461 anos do Rio com um sabor que é a cara da cidade: Mate com Limão. Inspirado na tradicional bebida das praias cariocas, o novo sorbet está disponível nas unidades da marca no estado. A receita leva erva-mate infundada em água, levemente adoçada, combinada com suco de limão, resultando em uma versão refrescante e equilibrada do clássico da orla. Fundada no Leblon, a Momo faz da data uma homenagem às memórias afetivas do Rio. O sabor será vendido por tempo limitado nas lojas cariocas.



Mitsuba de casa nova

O Mitsuba, restaurante japonês de Homero Cassiano e Cello Camolese, reabre as portas em novo endereço, agora em um charmoso sobrado antigo no Horto, cercado de verde e com atmosfera ainda mais acolhedora. A casa mantém a essência da culinária japonesa contemporânea que conquistou o público, com técnica apurada e respeito aos ingredientes. A afiada equipe de cozinha e o menu continuam os mesmos, com grande diversidade de peixes e frutos do mar, característica da casa desde a sua fundação.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Falando
mais que o
**‘homem
da cobra’**

Diante de alguns comentários de pseudocelibridades completamente ‘sem noção’, que pensam não ter “papas na língua”, lembrei Luís da Câmara Cascudo, o homem que estampou a nota de cinquenta mil cruzeiros ou, como era conhecido em Natal, “o homem que sabe tudo” – reconhecido merecidamente -, acerca das expressões que ouvimos diariamente, mas, na maioria das vezes, não temos ideia de como se formaram ou por que parecem sem sentido dentro da lógica óbvia. Para os ‘grilos falantes’ lembramos que o silêncio é de ouro.

Esse teu olhar... por que “comemos com os olhos” e não com a boca, com as mãos quando desejamos algo, normalmente aquém da nossa possibilidade? Essa vem da soberania da África Ocidental. Não era consentido por eles que súditos acompanhassem suas refeições. Era permitido apenas que olhassem, sem participar de forma ativa gastronomicamente. Já na Roma antiga, cerimônias fúnebres de cunho religioso, ofertavam um lauto banquete aos deuses. Não era permitido que se tocasse na oferenda, apenas que a olhassem, então “comiam com os olhos”. A cegueira da visão. “O pior cego é o que não quer ver”, mas por que um cego não quereria ver? O primeiro transplante de córnea relatado nos anais da medicina data de 1647. Realizado pelo Dr. Vicent de Paul D’ Argent na Universidade de Nimes, na França. Imaginemos, alguém voltar a enxergar há exatos 374 anos. Um milagre da medicina. Todos muito felizes com o sucesso da cirurgia, menos Angel o paciente pois, assim que passou a enxergar, ficou horrorizado com o mundo que via, muito diferente daquele que idealizara em seus sonhos e devaneios; um mundo extremamente melhor daquele que enxergava agora. Não conformado com a situação, pediu ao cirurgião que arrancasse seus olhos. O caso acabou chegando aos tribunais de Paris e ao Vaticano. A causa foi ganha por Angel, o cego que não quis ver.

Quem tem “olhos de lince” enxerga mais longe, isso é fato, também não se tem notícia de ter se avisado algum exemplar deste mamífero da família dos Felídeos fazendo uso de óculos, logo tem uma visão apuradíssima, enxerga seis vezes mais que os seres humanos. Tudo claro então, essa foi fácil. Nãññññã essa expressão nada tem a ver com o felino de pelos nas pontas das orelhas. Sua origem está relacionada a mitologia grega. A expressão correta é “olhos de Linceu”, mais uma vez, com o transcorrer do tempo, foi sendo modificada pela “voz do povo” por se tratar de um parônimo. Reza a lenda que Linceu, piloto do navio Argo, da expedição dos “Argonautas” - grupo de 56 heróis da mitologia grega -, partiram em busca do “Tosão de Ouro” - a lã de ouro do carneiro alado Crisómalos. Linceu tinha uma visão tão fantástica que enxergava através de paredes de pedra, conseguia ver o que acontecia no céu e no inferno e contar o número de barcos de uma frota de guerra há mais de 200 quilômetros. Logo, quem tinha uma visão excepcional, tinha “olhos de Linceu”.

Creio eu que este tema rende mais crônicas, não acham?

